



IL MULINO DEL PO: O ROMANCE DE BACCHELLI INSERIDO NA MODALIDADE DE ROMANCE HISTÓRICO CLÁSSICO

TASCA, Odete Oliveira (Universidade Estadual do Oeste do Paraná-
UNIOESTE)¹

RESUMO: Este trabalho apresenta uma leitura da trilogia *Il mulino del Po* (1957), de Riccardo Bacchelli, obra que retrata a complexa história de uma família de moleiros, vista em três gerações sucessivas, que acontece em um século de história: o período que vai desde a derrota de Napoleão na Rússia até a Primeira Guerra Mundial, retratando o banditismo e os primeiros conflitos sociais que se deram no contexto da luta pelo Ressurgimento e pela Unificação da Itália. Na perspectiva dos estudos comparados e a partir dos ensinamentos de Georg Lukács (2011) e de Celia Fernández Prieto (2003), dentre outros, estabelece-se o confronto entre a História e a ficção e procura-se verificar como Bacchelli, apoiando-se na concepção da história positivista, enquadra sua obra nos moldes do romance histórico clássico, uma vez que os fatos e as personagens históricas são apenas pano de fundo para a história fictícia.

PALAVRAS-CHAVE: história, ficção, romance histórico clássico.

ABSTRACT: This work presents an analysis of the trilogy *The Mill of the Pò* (1957), by Riccardo Bacchelli, work that portrays the complex story of a family of millers, which is seen in three successive generations and happens in a century of history: the period since the defeat of Napoleon in Russia until the First World War, depicting the banditry and the first social conflicts that occurred in the context of the struggle for the Rivival and for the Unification of Italy. In the perspective of comparative studies and considering the studies of Georg Lukacs (2011) and Celia Fernández Prieto (2003) among others it is established a confrontation between the History and the fiction looking to see how Bacchelli being supported by the positivist history fits his work along the lines of classic historical novel considering that the facts and the historical characters are just the backgrounds to the fictional story.

KEYWORDS: history, fiction, classic historical novel.

A obra *Il mulino del Po* foi escrita por Riccardo Bacchelli (1891-1985), entre os anos de 1938 e 1940. Embora seja uma produção inserida no contexto dos

meados do século XX, trata-se de um romance que se constitui em um modelo clássico de romance histórico, aos moldes de Scott, conforme buscaremos demonstrar em nossa análise. Trata-se de uma trilogia histórico épica, publicada em forma unitária em 1957, que retoma as características do Naturalismo francês e do Verismo italiano. Classifica-se, portanto, como romance histórico clássico, pois ainda se apoia em grande medida na reconstrução da história pela ficção, servindo essa de pano de fundo para as ações dos protagonistas puramente ficcionais. Assim, a narrativa ficcional não tem intenções de enfrentar-se com as visões postas pela historiografia, mas sim, hoje podemos ler esses romances como uma forma de mostrar que essa mesma história também foi vivida pela gente “anônima”, excluída dos anais da história. Este é também o mais importante romance do referido autor italiano, cuja temática histórica é constituída, além dos grandes eventos do passado – que servem de ambientação, atmosfera, marco temporal e espacial para as ações dos personagens puramente ficcionais –, pela arte do trabalhador moleiro da cidade de Ferrara, província italiana localizada na região de Emília-Romanha. A trama gira em torno de uma família de moleiros do rio Pó e está dividida em três volumes. Estes narram os eventos que vão desde a retirada de Napoleão da Rússia, em 1812, explanada no início do primeiro romance, até a narração da Batalha de Piave, no final do terceiro. Tal evento, como se sabe, marcou o fim da Primeira Guerra Mundial e conseguiu reunir os sentimentos patrióticos e os esforços de praticamente todos os italianos. Essa pode ser considerada, portanto, a última ação do Ressurgimento Italiano, com a qual a Itália consolidou, finalmente, sua unificação. Isso justifica a importância da obra bacchelliana, já que a mesma recupera a memória de um século da história que levou à unificação do país. Ou seja, a trilogia de Bacchelli reconta, ficcionalmente, a história da constituição da nação, evoca a luta dos camponeses e a ação política durante o século XIX e ocupa um lugar importante na Literatura Italiana, sendo composta de mais de duas mil páginas, subdivididas em três partes. É fruto de um grande trabalho de pesquisa sobre a cultura e a história local de Ferrara, evidenciando o desejo de se mostrar a grande massa propulsora da história e seus problemas e lutas cotidianas.

O romance histórico é um gênero tipicamente romântico que iniciou em 1814, com as produções de Walter Scott (1771-1832), na Escócia; período em que nascia um interesse e uma sensibilidade particular sobre a história e sobre a Idade Média. Nessa época se começa a vislumbrar algumas realidades nacionais, mas é somente no início de 1800, com o Romantismo e com a necessidade de abordar poeticamente a história, devido ao sucesso do pensamento e do método científico, que o romance histórico se firma com suas principais características. Esse interesse acaba despertando um profundo sentimento nacionalista, fazendo com que os autores

busquem retratar a grandeza de vários povos, surgindo temas como as grandes guerras.

O romance histórico italiano se inspira em Scott, mas com algumas mudanças. Segundo Ana Maria Carlos (2008), o romance histórico, na Itália, nasce em 1827, momento em que Alessandro Manzoni, motivado pelos ideais revolucionários do Romantismo, escreve a sua obra-prima *I Promessi Sposi*, um romance que mistura história e invenção e reflete, de certa forma, a visão de mundo do autor. Ainda segundo Carlos (2008), o nascimento desse gênero na Itália é marcado pela publicação de três romances: *Il Castello di Trezzo* (1826), de Giovan Battista Bazzoni, *La Battaglia di Benevento* (1827), de Domenico Guerrazzi e o romance de Manzoni, citado acima. Este, além de destacar-se com o seu famoso romance histórico, também contribuiu para a discussão sobre o gênero com um ensaio intitulado: *Del romanzo storico e in genere de componimenti misti di storia e invenzione* (Do romance histórico e em geral de composições mistas de história e invenção), o qual foi escrito entre 1828 e 1831 e publicado somente entre 1845 e 1850, cujo objetivo foi, justamente, responder as críticas dos opositores do novo gênero de romance que surgia, os quais afirmavam que o romance histórico não tornava a ficção mais útil e nem a história mais agradável, mas que acabava banalizando tanto a ficção quanto a história real, já que, nele, a verdade, muitas vezes, não era muito diferenciada das coisas inventadas, ao mesmo tempo em que faltava uma representação verdadeira para a história. Em sua resposta, Manzoni deixa claro que seria impossível distinguir, em um romance histórico, os fatos verídicos dos inventados, já que os acontecimentos devem ser misturados para poderem fazer parte de uma mesma história. Do mesmo modo, relacionado às circunstâncias verossímeis, Manzoni argumenta que para não ser dada, ao romance, uma mera e nua história, mas algo mais rico e com mais sentido, é preciso que, de certo modo, a história seja recriada.

O romance *Il mulino del Po*, de Riccardo Bacchelli, surge mais de um século após o romance de Manzoni. Escrito entre 1938 e 1940, reconta os grandes eventos históricos: as guerras, a mecanização do campo, os impostos sobre os produtos moídos. O crítico literário Luigi Tripodaro (2000), em *Appunti di Storia della Letteratura italiana*, reflete o seu ponto de vista sobre Riccardo Bacchelli, afirmando que uma característica importante do mundo do escritor é a forma como ele representa a realidade. O estudo de uma época passada leva o leitor, muitas vezes, a uma sensação de esquecimento causada pelo desaparecer das coisas, pela imagem de uma realidade que se evanesce para sempre.

INSERÇÃO DE *IL MULINO DEL PONA* MODALIDADE DE ROMANCE HISTÓRICO CLÁSSICO

Lukács (2011) definiu as bases teóricas do romance histórico e traçou a sua evolução desde os romances de Walter Scott até as obras históricas de Romain Rolland. Nesse percurso, o autor identificou quatro tipos de romance histórico: romance histórico romântico, romance histórico de fundo histórico, romance histórico humanista e romance histórico clássico. Para Lukács (2011), o mais importante para que um romance seja histórico clássico não é o período histórico em si, mas as repercussões que esse período tenha provocado na vida de uma determinada sociedade e em uma determinada época. Nesse sentido, o mais considerável é que o romancista consiga representar o modo como as pessoas, que viveram certo acontecimento histórico, foram atingidas por ele e como reagiram a ele, entrelaçando a história e a ficção. Portanto, no romance histórico clássico, as personagens principais não devem ser históricas, mas devem ser fictícias, medianas, populares, e seus destinos devem estar ligados ao destino histórico-social de uma sociedade, de modo que suas vivências possam ser o reflexo do destino do povo na época retratada, enquanto as personagens históricas devem ser todas secundárias, pois essas atuam diretamente na história, modificando decisivamente o curso dos acontecimentos. Lukács (2011) não estabelece exatamente qual o tempo de distanciamento necessário entre o autor e a história narrada para que um romance seja classificado como histórico clássico, mas enfatiza que, para tanto, deve apresentar uma característica especificamente histórica, além de recriar, poeticamente, os seres humanos que estiveram presentes nos eventos históricos narrados, já que estes, assim como as personagens históricas, são dados inquestionáveis. Sendo assim, ressalta que, devido à reconstrução do passado ser fiel, é necessário que se explore cada detalhe a partir de uma verdade histórica reconstruída.

Com o objetivo de visualizar o romance aqui analisado nos moldes do romance histórico clássico, considera-se, primeiramente, a questão da época resgatada que, segundo Lukács, deve pertencer a um passado relativamente distante do presente do autor, servindo como pano de fundo para o romance. Sabe-se que o romance *Il Mulino del Po* foi escrito entre 1938 e 1940 e resgata o período histórico que vai desde 1812, com as tropas de Napoleão na Rússia, até 1918, com a batalha sobre o Rio Piave. No início da primeira parte do primeiro romance, intitulada *Na Rússia em 1812*, tem-se a narração das tropas de Napoleão tentando reconstruir uma ponte sobre o rio Vop, onde, no dia seguinte, passaria o vice-rei Eugênio com suas tropas:

Os homens olharam a corrente, e nada responderam, ali estavam, juntos, sapadores e pontoneiros, vanguarda desgarrada do 4º corpo, que era italiano e comandado pelo

vice-rei Eugênio. Escoltavam-no robustos fuzileiros navais da guarda real. O rio era o Vop, no dia oito de novembro de 1812.² (BACCHELLI, 1951a, p. 17, grifo do autor).

No final da terceira obra, após o último capítulo, tem-se um epílogo intitulado *Sul piave nel 1918* (Sobre o Rio Piave, em 1918). Este fragmento narra, inicialmente, um cortejo e um enterro, da personagem Orbino, e segue-se com um julgamento, de Princivale, para então ser narrada a última batalha, aquela que marcou o fim da Primeira Guerra Mundial e consagrou a Itália como vencedora, determinando o fim do império Austro-Húngaro e consolidando, finalmente, o Ressurgimento Italiano; mas também aquela que coloca fim no último dos Scacerni, bisneto de Lazzaro, que recebera o mesmo nome do bisavô e com quem o destino não fora tão generoso, pois, apesar de se assemelhar ao primeiro, tanto fisicamente, quanto em caráter e por ter sido amado por todos e ter demonstrado gestos de bravura e de coragem, não tivera a mesma sorte, já que fora assassinado no momento em que sua Pátria saíra vitoriosa:

Medir o valor é pretensão tola: dos valorosos sobre a planície da Sernaglia em 28 de Outubro de 1918, foi extremo e terrível, enquanto que faz maior a sua virtude, não podiam saber que, às asas, a grande batalha girava e progredia em favor; a manobra, começando a desenvolver-se, estava prestes a dar frutos. O sacrifício deles foi decisivo para a batalha e para a guerra, porque se tivessem cedido, poderiam ter perdido o dia.³ (BACCHELLI, 1997, p. 1158, tradução nossa).

Sabe-se que as grandes guerras deixaram marcas profundas na humanidade, pois geraram consequências enormes e prejuízos humanos, econômicos, sociais e políticos. Vale lembrar que as dimensões assumidas pelos resultados de uma grande guerra estão altamente enlaçadas ao seu momento histórico. Sendo assim, o conceito de guerra mundial carrega em si o estigma da contemporaneidade e as grandes guerras garantiram a expansão de territórios e muitas outras conquistas das nações que saíram vitoriosas nos conflitos. Hobsbown (2010) considera que o continente europeu foi o que mais se destacou na história das grandes guerras, devido ao caráter eurocêntrico da história da humanidade. No final do século XIX e início do século XX a Europa passava por uma grande modernização. A França e a Inglaterra, com um forte poder de industrialização, eram os países que obtinham o maior poder econômico e político, dominando extensas áreas coloniais, principalmente na Ásia e na África. Sendo assim, os ingleses sempre dominavam os mares e a Alemanha não gostava dessa situação, o que tornava os dois países grandes rivais. Em 1914, iniciou-se uma corrida armamentista e o desenvolvimento de navios de guerra, aumentando muito a tensão

que já pairava no ar. Além disso, muitas outras coisas geravam descontentamentos entre os países europeus: economia, alianças, disputas não resolvidas, discrepâncias diplomáticas, movimentos reacionários e, por fim, o assassinato do herdeiro do trono austro-húngaro, fato que, segundo consta, foi o limite para que a guerra fosse deflagrada. Ademais, o nacionalismo se expandia rapidamente pelo continente europeu e muitos cidadãos, sobretudo os servos e os austro-húngaros, clamavam por uma guerra para defender a honra de seus países. Outrossim, os movimentos em prol da unificação da Itália e da Alemanha faziam com que aumentasse ainda mais a tensão que já pairava sobre a Europa. Isso tudo gerou, em 1914, uma guerra com consequências sem precedentes para toda a humanidade, as quais envolveram toda a Europa e fizeram com que o continente inteiro as sentisse, cessando o desenvolvimento que vinha acontecendo. Tais conflitos só se encerraram em 1918 e receberam o nome de Primeira Guerra Mundial, justamente pelo fato de ter gerado tantas implicações em todos os continentes.

Em 28 de junho de 1914, em Sarajevo, capital da província da Bósnia Herzegovina, o estudante bósnio Gavrilo Princip matou a tiros o sucessor do trono da monarquia Austro-Húngara e sua mulher. Percepções errôneas, avaliações de crise desastrosas sucederam-se, e a massa crítica que era a Europa entrou em reação em cadeia, levando o mundo à Grande Guerra, de 1914-18, e à Paz de Versalhes. (MAGNOLI, 2006, p. 342).

Após demonstrar que o romance de Bacchelli atende às duas primeiras exigências para que, segundo Lukács, um gênero romântico possa ser considerado histórico clássico, haja vista que o mesmo mantém o distanciamento necessário em relação ao período histórico ficcionalizado e aquele vivido pelo autor, além de retratar as repercussões que as grandes guerras e as revoluções causaram na vida do povo humilde italiano, parte-se para a análise de outra característica que o gênero deve atender; esta refere-se à questão dos fatores históricos reais servirem de pano de fundo para a obra fictícia, a qual deve trazer ações e personagens fictícias que se encaixam perfeitamente na época que o autor se propõe a reconstruir. A trilogia aqui analisada abraça os eventos de um século de história, tendo como principais personagens puramente ficcionais os componentes de quatro gerações de uma família de moleiros que vivem e trabalham sobre o Rio Pó, trazendo como pano de fundo, principalmente, as guerras, partindo da trágica retirada das tropas napoleônicas derrotadas na Rússia em 1812 (aqui o protagonista do primeiro romance, Lazzaro Scacerni, é um dos soldados e consegue sair ileso da guerra e retornar para a região italiana, onde vivia, Ferrara), até a batalha vitoriosa do exército italiano sobre as margens do Rio Piave,

em 1918 (aqui, o protagonista do terceiro romance, Lazzaro Scacerni, bisneto do primeiro Lazzaro, é um corajoso e bravo soldado, porém é morto pela guarnição austríaca quando a guerra está chegando ao fim), marcando o fim da primeira guerra mundial.

Como paisagem principal para os acontecimentos do romance, tem-se o vale do Rio Pó (*Pianura Padana*) e, além das guerras, são narrados também pequenos eventos da vida cotidiana: as lendas, os ritmos do campo e velhas histórias que aparecem quando menos se espera. No geral, mantem-se sempre os grandes eventos históricos, mas, além das guerras, outros fatos reais que foram importantes e marcaram a vida do povo sofrido também se misturam aos fatos fictícios. Desses, vale citar os altos impostos sobre o grão, o que causou greves e movimentos sindicais; a chegada da máquina na agricultura; os pequenos movimentos pelo Ressurgimento italiano até os grandes movimentos que garantiram a Unificação. Reafirmando a especificidade do romance aqui analisado na qualidade de romance histórico clássico, pode-se dizer que todos esses eventos narrados não têm importância histórica secundária, mas perpassam toda a obra, justificando os comportamentos das personagens e as soluções dos conflitos.

Outra característica que, geralmente, os romances históricos clássicos apresentam é referente à (s) história (s) de amor, que tanto pode ter um final feliz quanto trágico. Na obra de Bacchelli, tem-se no primeiro romance a história de Lazzaro e Dosolina: após voltar da guerra e reconstruir sua vida através da construção do moinho São Miguel, Lazzaro conhece Dosolina, uma moça de família pobre, bem mais jovem que ele, por quem se apaixona e a quem começa a fazer a corte. Ela, instigada pelos pais, acaba aceitando os galanteios do belo homem e os dois casam-se. Com o tempo, ela também acaba se apaixonando por ele e os dois vivem uma história de respeito e amor conjugal e têm um filho, que nasce ainda durante os relatos do primeiro romance da trilogia. A aventura dos dois continua até a metade da segunda obra, quando morrem juntos (ela, um pouco antes) abatidos pela cólera, doença que assolava a região e matava muitos camponeses. O final parece trágico se analisado o fato de que ainda poderiam viver mais, dado que não eram tão idosos, porém, considerando que viveram uma história de amor verdadeiro e que antes de morrerem tiveram tempo de declarar, mutuamente, o amor que sentiam um pelo outro, pode-se encarar como um final, pelo menos, romântico e pode ser constatado nos trechos que narram Lazzaro quando, antes de morrer ao lado da esposa, a traz nos braços e a deposita na cama. Ele dá sinal de desespero e ela tenta acalmá-lo:

-Não me disseste que tivesse coragem? – perguntou-lhe ela, maternalmente. - Este

momento tinha de chegar. Custa-me falar, Lazzaro, e o tempo passa depressa. Deixa-me dizer-te apenas que sempre te amei, e que se algum dia fiz algo que te desagradasse, disso peço-te perdão. Não chores, Lazzaro. Na tua idade isso é uma vergonha!

Com essas palavras ela voltou a sorrir, e Lazzaro, dominando as lágrimas amargas e penosas de seus velhos olhos, cada uma das quais era como que um sulco na alma, disse:

- Tens razão, Dosolina. Eu também te amo, de mais, como sempre te amei. Abençoada seja a mãe de que nasceste.⁴ (BACCHELLI, 1951 b, p. 230).

Quanto à segunda história de amor narrada na obra, a de Giuseppe Scacerni e Cecília, esta não teve um final feliz, aliás, nem o começo o foi, já que para conseguir casar-se com a jovem filha adotiva de seu pai, por quem era apaixonado, Giuseppe a engana forjando um casamento, o qual é realizado por um falso padre. Para convencê-la a casar-se com ele, inventa uma história de que seu pai seria assassinado pelos austríacos, caso ela não o aceitasse em matrimônio. Assim, para salvar o padrasto, Cecília casa-se com *Coniglio Mannaro* e só descobre a verdade sobre a trama do marido no início do terceiro romance, quando ele, após um tempo internado em uma clínica psiquiátrica, deve sair, e Cecília vê-se obrigada a assumi-lo em casa, no moinho, onde mora com os filhos. Devido ao estado mental do marido, a mulher precisa rever a questão do moinho herdado por ele, assim como precisa verificar a questão legal dos filhos e então, o fato do falso casamento vem à tona. Mas, apesar de a história não ter tido o começo que se espera de uma história de amor, Cecília, após a morte do marido, reconhece que ele a amara verdadeiramente, a ponto de cometer esses erros para ter esse amor. Também se considera uma mulher realizada, pois, apesar das dificuldades que enfrentara durante toda a vida, teve sete filhos e, por isso, é grata ao marido e perdoa os erros por ele cometidos.

Em prática, e pelo que se refere à nossa história, tudo correu e manteve-se nos termos previstos, e a memória de Coniglio Mannaro continuou na alma de Cecília, ao contrário ressuscitado, por aquele remorso de ter-lhe dito muito mal, e por algo ainda melhor. Era uma sombra, mas viva e gentil, do antigo afeto, quando lhe tinha perdoado por gratidão dos filhos que vieram. Agora, então, que os filhos estavam grandes cada um ao seu modo, e no pai não pensavam mais, nem mesmo a Maria; e em suma, tinha feito bem também ele em morrer.⁵ (BACCHELLI, 1997, p. 747, tradução nossa).

Essas são as duas histórias de amor mais importantes da trama. Com relação

ao terceiro romance: *Mondo vecchio sempre nuovo*, este praticamente narra as aventuras e dificuldades de Cecília para criar os seus filhos, sozinha e como história de amor traz o romance entre Berta -a primeira filha de Cecília - e Orbino Verginesi, que é assassinado por Princivale, o irmão de Berta e, sendo assim, a história é tragicamente interrompida, ocupando apenas algumas páginas do romance.

Seguindo com as características do romance histórico clássico, vale ressaltar outro aspecto importante: a trama fictícia deve ocupar o primeiro plano do romance e deve canalizar a maior atenção tanto do narrador quanto dos leitores. Essa exigência é contemplada também na obra aqui analisada, pois, apesar de a história da Itália, principalmente dos grandes conflitos, servirem de cenário para o romance, do início ao fim, a história fictícia, em nenhum momento, é deixada de lado. O narrador bacchelliano consegue fazer com que suas personagens ajam, interajam e se envolvam na história de seu país, sempre estando em primeiro plano, ou seja, ao ler o romance, tem-se a impressão de que as personagens inventadas realmente existiram e estiveram presentes, já que estão envolvidas com a história, ocupando um lugar de destaque e tornando-se figuras importantes na impressão do leitor. Como exemplo, pode-se verificar a seguinte passagem do romance:

Scacerni vivia como que fora do mundo, sem nada gastar consigo e entregando quanto ganhava a Dosolina, que empregava o dinheiro na herdade e no estábulo. Informou-se e ficou sabendo que os preços tinham realmente aumentado, mercê, ao mesmo tempo, da pobreza local e do grande movimento industrial que se espalhara pela Europa entre 1830 e 1848. Desta última razão o jovem Giuseppe nada sabia, mas do aumento fora informado ali mesmo em Guarda.⁶ (BACCHELLI, 1951a, p. 393).

A citação acima pertence ao primeiro romance da trilogia, *Dio ti salve*, e encontra-se no último capítulo, intitulado: *A Revolução dos Libertinos*. Neste, Bacchelli narra, com muita precisão, as dificuldades por que passou o povo italiano após a revolução de 1831: “Os anos de repressão, após a revolução de 1831, foram os mais amargos para o governo pontifício, tanto em Bolonha como em Ferrara[...]” (BACCHELLI, 1951a, p. 388). O narrador conta que a igreja havia provocado ódio geral por ter imposto seus mandos com grande brutalidade, aceitando a ajuda dos sanfedistas (exército levantado em Nápoles contra os franceses de Napoleão), preparando, assim, o caminho da anarquia, pois não se podia mais contar com a proteção do governo papal, levando o povo a odiá-lo e a voltar-se contra ele. Entre os desmandos estavam os aumentos dos impostos, dos quais, as taxas sobre o grão moído. Scacerni, porém, continuava a vender os seus produtos pelos mesmos preços, o que dificultava seus ganhos.

Segundo Hobsbown (2010), as mais graves consequências da Revolução Industrial foram as sociais, pois a transição da nova economia gerou miséria e descontentamento entre o povo. De 1830 a 1848 a Europa enfrentou problemas socioeconômicos muito sérios, como a queda nas colheitas, a situação precária dos operários, a falta de direitos aos trabalhadores e a repressão à liberdade de expressão. Toda essa situação ocasionou alianças entre os setores da pequena e média burguesia com o operariado, sendo que este último cada vez mais era vítima de exploração social dos outros setores. Toda essa situação acabou gerando os movimentos revolucionários de descontentamento com relação ao poder vigente. Assim, misturando-se ideias nacionais às liberais e socialistas, esses movimentos explodiram em vários países europeus:

Suas mais sérias consequências foram sociais: a transição da nova economia criou a miséria e o descontentamento, os ingredientes da revolução social. E, de fato, a revolução social eclodiu na forma de levantes espontâneos dos trabalhadores da indústria e das populações pobres das cidades, produzindo as revoluções de 1848 no continente e os amplos movimentos cartistas na Grã-Bretanha. O descontentamento não estava ligado apenas aos trabalhadores pobres. Os pequenos comerciantes, sem saída, a pequena burguesia, setores especiais da economia eram também vítimas da revolução industrial e de suas ramificações. (HOBSBOWN, 2010, p. 28).

Estas últimas citações, a de Hobsbown (2010) e a de Bacchelli (1951a), podem comprovar o entrelaçamento entre a história e a ficção, quando o autor do romance ficcionaliza os fatos narrados pelos historiadores, e que ficaram no passado, por meio das ações de suas personagens. Procurou-se aqui demonstrar, por meio de uma citação do romance, as dificuldades por que passava o povo em função dos conflitos gerados pela revolução industrial. Dessa forma, vale ressaltar que o romance de Bacchelli recupera uma memória coletiva, ao dar voz aos sujeitos marginalizados pela historiografia oficial de cunho positivista, contribuindo para a busca de uma identidade nacional italiana, unificada não somente geopoliticamente, mas também nas tragédias humanas. Sendo assim, ao aproximar o leitor das personagens comuns, Bacchelli o envolve de modo a fazê-lo identificar-se com algumas delas, proporcionando a este uma reflexão crítica sobre a história da Itália e sobre a própria constituição da historiografia oficial, construída em torno de heróis.

Nesse sentido, vale frisar também que a narrativa do romance *Il Mulino del Po* é construída por personagens comuns, pertencentes ao povo, buscando-se, desse modo, um questionamento sobre os heróis nacionais, visto que nesta não há um único herói nacional, mas, em vez, há anti-heróis: Lazzaro Scacerni, que aceita

os objetos sacros roubados para reconstruir sua vida; o desonesto Giuseppe Scacerni, que passa por cima de todos para conseguir fazer fortuna; o corrupto e ganancioso Vergoli, político sem escrúpulos que usa as vantagens do poder público em prol de si mesmo; o corrupto, avarento e chantagista Conde Alpi que, por meio de chantagens e trapaças ilícitas se aproveita de um cargo público para enriquecer. Além destes, há também os protagonistas que se debatem nas mazelas da vida para sobreviverem às misérias humanas. Essa massa humana, essa coletividade representada no romance traz também uma memória coletiva da Itália dos tempos retratados: uma Itália pobre como seu povo, uma nação que precisa ser reconstruída, tanto física como socialmente, recuperando as instituições degradadas pela corrupção e pela exploração.

Fernández Prieto (2003), ao analisar o romance *Terra Nostra* (1975), de Carlos Fuentes, afirma que as narrativas que apresentam os fatos a partir da perspectiva dos perdedores e das minorias marginalizadas ou excluídas pela História, mostram que privilegiar uma tradição textual implica em aceitar uma específica versão da realidade histórica em detrimento de outras versões diferentes. Na obra *Il mulino del Po*, Bacchelli privilegia a história do povo trabalhador, marginalizado, que sofre as consequências da guerra, em vez de narrar as aventuras dos heroicos soldados e/ou de seus líderes durante as revoluções e guerras citadas em seu romance.

Celia Fernández Prieto (2003), ao discorrer sobre o romance histórico hispânico, deixa clara a importância do gênero por expressar o outro lado da história das conquistas, segundo a visão dos conquistados:

[...] *los escritores buscaron las vías para dar voz a esa memoria viva de sus pueblos y para exponer no sólo lo que significó para ellos la llegada de los españoles y los europeos, sino también lo que pensaban de aquella civilización que destruyó su mundo y su cultura. Y una de estas vías la encontraron en la novela histórica*⁸.
(FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 156).

A autora afirma que o romance histórico tem a capacidade de expressar e de sentir a memória, além de dar forma ao passado reconstruindo-o ou representando-o a partir de uma perspectiva diferente, já que a necessidade de expressar o que aconteceu está tão impregnada de tragédia e de incertezas que ficaria quase impossível representá-los por meio do relato histórico e, sendo assim, o romance histórico, por meio da ficção, oferece as condições para que seja projetada a visão do passado com toda a sua complexidade, uma realidade também vivida, em boa parte, pela literatura híbrida de história e ficção italiana.

NOTAS

- ¹ Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/Cascavel). A pesquisa ao qual este texto está vinculado teve como orientadora a Profa. Dra. Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza. Professora Adjunta da UNIOESTE/Cascavel-PR-Brasil na Graduação em Letras, nas áreas de Literatura e Cultura Hispânicas, na Pós-graduação em Letras – Linguagem e Sociedade – da UNIOESTE, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. É membro dos grupos de pesquisas Narrativas Estrangeiras Modernas da UNESP/ Campus de Assis-SP e Confluências da ficção, história e memória na literatura da UNIOESTE/Campus de Cascavel-PR.
- ² Guadavano la corrente, e non risposero né sí né no, pontieri e zappatori mescolati, avanguardia sparuta del IV Corpo, ch'era quello italiano comandato dal vicerè Eugenio. La scortavano validi marinai della guardia reale. Il fiume era il Yop, l'otto di novembre del 1812 (BACCHELLI, 1997, p. 9).
- ³ Misurare il valore è stolta pretesa: dei valorosi sulla piana della Sernaglia il 28 ottobre del 1918, fu estremo e tremendo, mentre, che fa piú grande la loro virtù, non potevano sapere che alle ali la gran battaglia volgeva e progrediva in favore; la manovra, cominciando a svolgersi, stava per dare i suoi frutti. Il loro sacrificio fu decisivo della battaglia e della guerra, ché se avessero ceduto, si poteva perdere la giornata (BACCHELLI, 1997, p. 1158).
- ⁴ - E dite a me di farmi coraggio? – diss'ella maternamente. – Non lo sapevate che questo momento doveva venire? Faccio fatica a parlare, Lazzaro; c'è poco tempo; lasciatemi dire che v'ho sempre voluto bene, e che se delle volte vi avessi fatto dispiacere, se v'ho fatto tribolare, vi domando... Lazzaro, non piangete! Alla vostra età, è vergogna. Sorrisse ancora, cosí dicendo; e Lazzaro, dominando le lacrime rade e penose dei vecchi occhi, ognuna delle quali era come un solco nell'animo:
- Avete ragione, – disse tremando, – avete ragione, Dosolina; e io, il bene che vi voglio, è grande come quello d'allora, piú anche, Dosolina: benedetta la madre che vi ha partorito (BACCHELLI, 1997, p. 507).
- ⁵ In pratica, e per qualche riguarda la nostra storia, tutto si svolse e rimase nei termini previsti, e la memoria di Coniglio mannaro continuò nell'animo di Cecilia, anzi rivisse, per quel rimorso di averne detto troppo male, e per qualcosa d'anche migliore. Era un'ombra, ma viva e gentile, dell'antico affetto, quando gli aveva perdonato per gratitudine dei figli avutine. Adesso poiche i figli eran cresciuti ciascuno a modo suo, e al padre non pensava piú nemmeno la Maria; e insomma, aveva fatto anche bene a morire, colui (BACCHELLI, 1997, p. 747).
- ⁶ Scacerni che viveva si può dir fuori del mondo, con pochissimo bisogno di denaro, dando i guadagni a Dosolina che li investisse nel podere e nella stalla; Scacerni s'informò qua e là, seppe che i prezzi eran cresciuti davvero, per effetto della povertà locale e dello slancio finanziario e industriale europeo, che in quegli anni fra il '30 e il '48 fu cosí grandioso. Di questo il giovane Scacerni non sapeva, ma dell'aumento s'era accorto anche alla uarda, cosí lontano dal mondo (BACCHELLI, 1997, p. 265).
- ⁷ Il frutto piú amaro, per il governo pontificio, maturava in quegli anni subito dopo la rivoluzione del '31, cosí nelle legazioni di Bologna e di Ferrara... (BACCHELLI, 1997, p. 261).
- ⁸ Os escritores buscaram maneiras para dar voz a essa memória viva de seus povos e para expor não só o que significou para eles a chegada dos espanhóis e dos europeus, mas também o que eles pensavam daquela civilização que destruiu seu mundo e sua cultura. E uma dessas estradas a encontraram no romance histórico (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p.

156, tradução nossa).

REFERÊNCIAS

- BACCHELLI, Riccardo. *O moinho do Pó: Deus te salve*. Trad. Nair Lacerda. São Paulo: Mérito, 1951a.
- BACCHELLI, Riccardo. *O moinho do Pó - A miséria viaja de barco*. Trad. Nair Lacerda. Porto Alegre: brasileira, 1951b.
- BACCHELLI, Riccardo. *Il Mulino del Po*. Milano: Mondadori, 1997.
- CARLOS, Ana Maria. De Manzoni a Eco: As várias facetas do Romance Histórico na Itália. *Revista de Literatura, História e Memória - Narrativas de Extração Histórica*, Cascavel, v. 4, n. 4, p. 11-19, 2008.
- FERNÁNDEZ PRIETO, Celia. *Historia y novela: poética de la novela histórica*. Barañáin: eunsa, 2003.
- HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. – Programa, Mito e Realidade. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- JAMESON, Fredric. *O romance histórico ainda é possível?*In: Novos Estudos. São Paulo, n.77, p. 185-203, mar. 2007 (CEBRAP).
- LUKÁCS, Georg. *O romance histórico*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MAGNOLI, Demetrio. *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: <<http://ateneulondrina.com.br/wp-content/uploads/2011/02/Dem%C3%A9rio-Magnoli-Hist%C3%B3ria-das-Guerras1.pdf>> Acesso em 06 março 2015.
- MANZONI, Alessandro. *Del romanzo e, in genere, de' componimenti misti di storia e d'invenzione*. Milano: Opere Varie, 1999. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/lb000916.pdf>> Acesso em 22 julho 2015.
- MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, Alexis. *Historia y Ficción en la Novela Venezolana*. Caracas: Monte Ávila Editoras, 1991.
- SCHMITT, Jean Claude. A história dos marginais. In: LE GOFF, Jacques (org). *A história nova*. Trad. Eduardo Brandão. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. BURKE, P. (Org.). São Paulo: UNESP, 1992.p. 40-95.